

CERTIFICAÇÃO: SER OU NÃO SER?

***Roberto Rodrigues**

O recente episódio da carne de cavalo na Europa trouxe de volta um tema que vem sendo tratado com alguma frequência aqui no Brasil, uma vez que sempre deixa algumas dúvidas no ar: a certificação de produtos do agronegócio.

Afinal, certificação é mesmo uma necessidade? Os consumidores estão exigindo de verdade que os produtos sejam certificados? Qual a tendência deste movimento? Como confiar nos certificadores? Existe picaretagem neste segmento? Estas e outras perguntas são repetidas insistentemente pelos interessados na matéria.

O que é certificação? É um instrumento de mercado que procura oferecer garantias a respeito da qualidade de um produto ou de seu processo produtivo.

Mas não é só isso: a certificação acaba diferenciando produtos e produtores perante os consumidores e a sociedade. E esta diferenciação pode gerar agregação de valor ao produto certificado, bem como ao seu produtor, especialmente em mercados mais exigentes ou esclarecidos.

A certificação é usada há muito tempo na produção agropecuária, inclusive definindo características especiais ou a própria origem do produto, como é o caso dos queijos europeus, vinhos e até certas carnes preparadas, como o presunto, por exemplo.

Mas a partir dos anos 80/90, a questão ambiental passou a ter maior visibilidade, e surgiram então os sistemas de certificação ambiental, social ou socioambiental, que ganharam relevo onde houvesse uso intenso de recursos naturais ou mão-de-obra: o objetivo era não degradar os recursos naturais e respeitar os direitos humanos. As primeiras certificações foram para madeira, cacau e café, mas hoje já existem sistemas para cana-de-açúcar, pecuária, pesca, laranja e muitos outros setores.

É claro que a certificação custa dinheiro, o produtor tem que fazer investimentos, pagar os custos de auditoria e se adaptar às normas de certificação. Portanto, o produtor precisa ter vantagens financeiras para fazer este gasto. Isso está garantido?

Nem sempre. Para funcionar, a certificação tem que ser voluntária: não há uma lei a seguir, o produtor é que resolve se faz ou não. A certificadora não substitui o papel do Estado, mas este deve incentiva-la. Ela tem que ser totalmente independente, transparente e respeitável, isto é, necessita governança robusta.

Certificação não é panaceia. Mas, além de qualificar o produtor (sendo assim um instrumento de mercado), ajuda a melhorar a gestão, uma vez que exige mais organização, planejamento, melhor uso dos insumos, reduzindo custos. Sistemas de certificação modernos incluem também melhores práticas de produção, conservação ambiental, relacionamento com os trabalhadores da fazenda ou da agroindústria, cooperativa, etc.

No entanto, a palavra chave para funcionar tudo isto é credibilidade, o que implica transparência nas regras do jogo, independência dos certificadores, legitimidade do sistema e respeitabilidade internacional. Sem credibilidade, certificação é bobagem: o setor certificador não pode criar regras para si mesmo sem a participação das partes interessadas e sem reconhecimento amplo.

Portanto, as certificadoras brasileiras não podem virar as costas para o mundo, como se fossem as donas da verdade. Elas podem até servir assim para o consumo interno. Mas para o comércio internacional, é preciso que entremos nos sistemas mundiais de certificação também, e influir neles.

Isso significa que precisamos de instituições fortes, bem estruturadas, tanto do lado dos empresários quanto da sociedade civil. Se existe diferenças entre os produtores dos países do norte e do sul, também existem diferenças entre as suas instituições – como sindicatos, cooperativas, - além de ONGs, e principalmente entre os certificadores.

Certificação é uma tendência, mas temos que inserir nossos modelos nos globais, sem engolir regras que sejam impostas de fora para dentro: devemos criar sistemas de certificação que se apliquem à nossa realidade.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**